

## AS “MORENAS DO DIVINO” E A ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA ESTRATÉGIA PARA EMANCIPAÇÃO DE SUJEITOS EM RIO RUFINO, SC

The "Morenas do Divino" And the Solidary Economy: A Strategy for Emancipation of Subjects in Rio Rufino, SC

**Sonia Regina Cardoso OSELAME<sup>1</sup>**  
**Geraldo Augusto LOCKS<sup>2</sup>**  
**João Eduardo Branco de MELO<sup>3</sup>**

### RESUMO

Este trabalho reflete sobre as condições socioeconômicas e possíveis práticas de economia solidária existente entre as mulheres da localidade do Divino Espírito Santo, Rio Rufino, SC. Trata-se de uma comunidade quilombola, entretanto, não há reconhecimento jurídico deste grupo étnico da parte do Estado, nem da sociedade local. É pela denominação “Morenos do Divino” que seus integrantes se reconhecem e são conhecidos pelos habitantes de seu entorno. Quanto a metodologia, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso com base bibliográfica e trabalho de campo. Trata-se de um estudo de caso pois se estuda uma parte de um universo social mais abrangente e para a pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas por amostragem com as “Morenas do Divino”. Os referenciais teóricos advêm de estudiosos da cultura quilombola e do campo da economia solidária. Espera-se que este trabalho possa dar visibilidade ao *locus* e aos sujeitos pesquisados, e demonstrar a relevância da economia solidária como estratégia para a emancipação de sujeitos em situação de vulnerabilidade social, econômica e cultural.

**Palavras-chave:** “Morenas do Divino”. Economia solidária. Desenvolvimento local sustentável.

### ABSTRACT

This work reflects on the socioeconomic conditions and possible practices of solidarity economy existing among the women of the locality of Divino Espírito Santo, Rio Rufino, SC. It is a quilombola community, however, there is no legal recognition of this ethnic group on the part of the State, nor of the local society. It is by the denomination "Morenos do Divino" that its members recognize themselves and are known by the inhabitants of their surroundings. As for the methodology, this work is characterized as a qualitative research, a case study based on bibliography and field work. This is a case study since we study a part of a wider social universe and for the field research were conducted semistructured interviews by sampling with the "Morenas do Divino". The theoretical references come from scholars of the quilombola culture and the field of solidarity economy. It is hoped that this work may give visibility to the locus and the subjects

---

<sup>1</sup> Especialista em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC.

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia pela UFSC. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC.

<sup>3</sup> Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ.

researched and to demonstrate the relevance of solidarity economy as a strategy for the emancipation of subjects in situations of social, economic and cultural vulnerability.

**Keywords:** "Morenas do Divino". Solidarity economy. Sustainable local development.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho reflete sobre as condições socioeconômicas e possíveis práticas de economia solidária entre as mulheres “Morenas do Divino” na comunidade quilombola localizada no município de Rio Rufino, Santa Catarina. Trata-se de um grupo étnico cuja identidade configura-se como quilombo. Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária<sup>4</sup>

O termo quilombo é uma categoria jurídica usada pelo Estado brasileiro a partir da Promulgação da Constituição Federal de 1988, visando assegurar a propriedade definitiva às comunidades negras rurais dotadas de uma trajetória histórica própria e relações territoriais específicas, bem como ancestralidade negra relacionada com o período escravocrata. Nesse sentido, há outras terminologias para o termo quilombo, como Terras de Preto, Terras de Santo, Mocambo, Terra de Pobre, entre outros.

Em nossa compreensão, o conceito acima pode ser aplicado ao grupo referido se pensado nos termos de identidade étnica e alguns classificadores socioculturais. Segundo Oliveira (1976), a emergência da identidade étnica é relacional e contrastiva, ou seja, ela se apresenta na relação nós – outros. Para este autor, o conceito de identidade contrastiva se coloca como um elemento chave da identidade étnica. A identidade é construída em oposição ao outro a partir das relações que estabelece com o outro. O grupo étnico não se reconhece como quilombola, mas pode ser se diferenciado na relação com o outro, isto é, com os demais habitantes do município por sua forma de organização social, características biológicas, valores culturais compartilhados, formas de comunicação. Em relação à descrição do termo quilombola descrito pelo INCRA, ainda identifica-se o pertencimento grupal, trajetória histórica própria, ancestralidade negra relacionada com o período escravocrata. São classificadores que apontam para um grupo étnico com características das comunidades quilombolas brasileiras.

Contudo, o grupo não é reconhecido legalmente pelo Estado e nem pela comunidade circundante como comunidade quilombola. Neste texto utilizamos a denominação da localidade pelo termo “Morenas do Divino” por esta se constituir na autodenominação nativa e por ser assim nominada pelos habitantes do município. Conseqüentemente, será utilizado o termo mulheres “Morenas do Divino” integrantes do quilombo para identificar o grupo pesquisado.

*A priori* sabemos que historicamente a comunidade quilombola incorpora em sua cultura, entendida como modo de vida, práticas de economia solidária. Trata-se de outra economia que se contrapõe à economia capitalista. Assumimos o conceito descrito pelo Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) para quem

A Economia Solidária é um jeito de fazer a atividade econômica de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo baseado na democracia e na cooperação, o que chamamos de autogestão: ou seja, na Economia Solidária não existe patrão nem empregados, pois todos/as os/as integrantes do empreendimento (associação, cooperativa

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/incra-perguntasrespostas-a4.pdf>  
Acesso em: 03.08.2017

ou grupo) são ao mesmo tempo trabalhadores e donos.<sup>5</sup>

O texto que segue estrutura-se do seguinte modo: a) contextualização do *lôcus* e sujeitos de pesquisa e a relevância do tema; b) os referenciais teóricos de análise, tendo como principais categorias, comunidade quilombola, economia solidária e emancipação social; c) descrição dos procedimentos metodológicos; d) considerações finais.

A pesquisa encontra-se orientada pela seguinte questão: como se configura a situação socioeconômica das mulheres “Morenas do Divino” e se é possível identificar práticas de economia solidária promotoras de emancipação social de seus sujeitos envolvidos? O objetivo geral busca refletir acerca das condições socioeconômicas e identificar possíveis práticas de economia solidária existente entre as mulheres “Morenas do Divino” da localidade do Divino Espírito Santo, município de Rio Rufino, SC. Enquanto que os objetivos específicos se traduzem por a) descrever o contexto socioeconômico e cultural vivenciado pelas mulheres da localidade dos “Morenos do Divino”; b) identificar a partir das percepções das mulheres “Morenas do Divino” possíveis práticas de econômica solidária geradoras de trabalho e renda; c) discutir as categorias Quilombo e Economia Solidária, enquanto conceitos fundantes de análise neste trabalho.

## CONTEXTUALIZANDO *LÔCUS* E SUJEITOS DA PESQUISA

A descrição que segue advém do conhecimento e observação da pesquisadora que reside no município e por sua ação social e política estabelece contato direto com a população. A localidade do Divino Espírito Santo, situada no município de Rio Rufino, estado de Santa Catarina. O município emancipou-se em 1991, desmembrado do município de Urubici. Ambos pertencem à Associação dos Municípios da Região Serrana (AMURES). Tem uma extensão de 333 km<sup>2</sup> e uma população de 2.400 habitantes. Sua economia se caracteriza pelas atividades de fumicultura, fruticultura, gado de leite e vimeicultura (IBGE, 2010). Pode-se identificar uma diversidade étnica entre sua população, como descendentes de italianos, alemães, luso-brasileiros (caboclos) e afrodescendentes. Este último constitui o *lôcus* deste estudo. Geograficamente, a localidade situa-se em um vale rodeado por morros altos, até hoje de difícil acesso, dentro da bacia hidrográfica do rio Canoas, distante 15km da sede do município e 70km da cidade de Lages, polo regional. Ocupam uma área de aproximadamente 50 hectares cujos documentos de propriedade ou de posse são ignorados. É um espaço eminentemente rural.

Os afrodescendentes se reconhecem pela denominação “Morenos do Divino”. O grupo é constituído por 250 pessoas. Estão organizados em duas vilas que formam uma unidade social, econômica e cultural. Não existem estudos sobre a origem e desenvolvimento deste grupo étnico. Nossas primeiras aproximações permitiram saber que seus habitantes tem ideias difusas acerca de onde vieram. Uns dizem ter vindo de Pelotas, Rio Grande do Sul, outros afirmam sua origem de “serra abaixo” e da própria região serrana. Ao explicar porque o grupo veio residir neste vale rodeado de montanhas, alguns dizem que “do alto dos morros podiam a muitos anos acompanhar os movimentos dos senhores da região e abrigarem-se acaso percebessem alguma ameaça a sua segurança”. A resposta remete para o fato de se situarem numa condição sócio econômica e cultural pertencente ao “de baixo” como afirmava o sociólogo Florestan Fernandes. Como vimos acima, a caracterização que o INCRA descreve de um quilombo, inclui a terminologia “Terra de preto”, “Terra de Santo”, “Terra de pobre”. Neste sentido “Morenos do Divino”, remete para duas dessas terminologia ao indicar a cor “moreno” e o “Divino”, pelo lugar chamar-se Divino Espírito Santo.

---

<sup>5</sup> Disponível em: [http://base.socioeco.org/docs/cartilha\\_fbcs.pdf](http://base.socioeco.org/docs/cartilha_fbcs.pdf) Acesso em: 03.08.2017.

O que mais uma vez identificamos a possibilidade de configuração do quilombo nesta área.

Podemos inferir que o grupo foi se aglutinando como estratégia de proteção e segurança em relação aos segmentos sociais dominantes da região. A localidade dos “Morenos do Divino” possui uma escola de Ensino Fundamental I e um Centro de Educação Infantil; um posto de saúde com atendimento médico odontológico, Igrejas Católica e Assembleia de Deus, um salão de festas e campo de futebol. Futebol é uma paixão, sendo praticado em todos os finais de semana sendo a única forma de lazer existente.

Constata-se a ausência de infraestrutura na localidade, como saneamento básico, rede de esgoto, água tratada, ausência de coleta seletiva de materiais recicláveis e orgânicos. A implantação de um vestiário no campo de futebol é uma grande demanda expressa pelas pessoas que praticam o referido esporte.

Os “Morenos do Divino” podem ser caracterizados como carentes. A população é constituída por trabalhadores diaristas ocupados nas atividades sazonais de colheita de maçã, fumo e vime existentes no município. São atividades exercidas por homens e mulheres. A aposentadoria é outra fonte de renda e sobrevivência. A outra reside no Programa Social do “Bolsa Família”, uma vez que a maioria das famílias está cadastrada no município e recebe este benefício do Governo Federal.

A maioria das mulheres permanece em casa e dedica-se aos afazeres domésticos e à criação dos filhos. Casam-se precocemente, manifestando pouco interesse nos estudos escolares. Se algumas dessas mulheres completam o Ensino Médio em escola localizada na sede do município, concomitantemente, encontram-se grávidas, seus projetos de vida vão se endereçando para a constituição da família. O Ensino Médio não prepara para nenhuma profissão, exceto para o vestibular. Ou seja, é oferecido uma formação escolar descontextualizada das necessidades, especificidades e identidade dos estudantes. O sucesso desta escolarização está em estimular a saída da juventude do campo, ao não se vincular às necessidades e interesses da população, entre ela, os sujeitos desta reflexão.

Então os trabalhadores e trabalhadoras dos “Morenos do Divino”, estão determinados a se constituírem em mão obra desqualificada e mal remunerada. A opção que lhes resta é permanecer na condição de diarista na localidade ou buscar alguma alternativa de trabalho fora. Algumas poucas mulheres trabalham no comércio local, na prefeitura ou no serviço doméstico, sempre exercendo atividades braçais. Existem mulheres que buscam trabalho fora do município, dirigindo-se a Florianópolis em busca de trabalho doméstico, mas sem abandonar seu grupo de pertencimento.

Um caso ilustrativo é de uma das mulheres “Morenas do Divino”, que deslocou-se até a capital do estado com finalidade de encontrar um trabalho, obter uma renda para constituir um empreendimento na área da panificação. Este empreendimento deveria ser implementado na sua localidade o que demonstra os vínculos que os sujeitos mantêm com seu grupo sociocultural.

Nossa observação permite afirmar que as mulheres “Morenas do Divino” manifestam interesse em desenvolver alguma atividade econômica. Entretanto, ao receberam os benefícios do Programa “Bolsa Família”, sem os devidos condicionantes estabelecidos por esta política que ambiciona combater a fome, a miséria e a emancipação das famílias, a tendência é a ausência de protagonismo na direção do desenvolvimento de iniciativas geradoras de trabalho e renda. Do ponto de vista da emancipação de sujeitos, não precisamos afirmar que o “Bolsa Família” em si, não tem a força de provocar a autonomia das pessoas. A espera continuada do benefício mensal pode gerar a tutela ou dependência do Programa. Cabe ao município acompanhar e promover outras políticas consorciadas com os demais entes Federados, o Estado e a União.

Este trabalho tem aí seu ponto de partida. Desejamos identificar sistematicamente as condições socioeconômicas e possíveis práticas de economia solidária entre as “Mulheres do Divino”. O parco conhecimento que temos é que essas mulheres são solidárias quando se trata de

atender as necessidades de suas famílias. Nosso pressuposto é que a economia solidária se constitui numa estratégia para superação de necessidades cotidianas e a emancipação dos sujeitos na medida em que seus direitos sociais são conquistados e garantidos.

Em conversas informais com algumas dessas mulheres sobre as possibilidades de trabalho e renda mostraram interesse em aprender artesanato, panificação e alguns outros empreendimentos. Ressaltemos que elas tem preferência pelo trabalho em grupo. Portanto, temos um chão fértil, uma vez que na cultura quilombola, a economia solidária é o quefazer cotidiano de seus membros em respostas às suas necessidades vitais.

## REFERENCIAIS TEÓRICOS

Ao considerar a vocação e o saber fazer das mulheres "Morenas do Divino" estamos considerando sua cultura. Segundo Da Matta (1986, p. 123)

[...] “cultura” não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de civilização mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas.

Partindo da compreensão que cultura abrange a maneira de viver total de um grupo, nossa percepção é de que o grupo étnico “Morenos do Divino”, configura uma cultura que se caracteriza pela identidade quilombola. Ou seja, um grupo constituído por afrodescendentes, cuja maneira de viver apresenta especificidades, complexidades e singularidades que os distingue dos demais grupos que compõem a população do município. Torna-se relevante conhecer seus códigos e gramáticas de leitura de mundo, concepção de vida, modos de produção, costumes, relações de trabalho e com a natureza. Afinal, como se caracteriza uma comunidade quilombola?

Quilombos segundo a história “constituíram-se em locais de refúgio dos escravos africanos e afrodescendentes em todo o continente americano. A definição antropológica da Associação Brasileira de Antropologia (1989) para esse agrupamento é:

toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos, vivendo de cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado. (...) Neles, existiam manifestações religiosas e lúdicas, como a música e a dança. Poder-se-ia continuar a tratar dos quilombos partindo da premissa de que construíram uma história que não é apenas da fuga da escravidão, mas do desejo pela liberdade; é uma história de vários capítulos, ocorrida em vários lugares e de diferentes modos. Todavia, onde quer que tenha existido aquilombamento, esta prática se impunha pela marca prevaiente da resistência que se dava de diferentes maneiras.

Para Reis e Gomes (2000, p.23) a história dos quilombos é “uma história cheia de ciladas e surpresas, de avanços e recuos, de conflito e compromisso sem um sentido linear uma história que amplia e torna mais complexa a perspectiva que temos de nosso passado.

As comunidades quilombolas contemporâneas, segundo Moura (1996) recebem várias denominações, tais como terras de pretos, mocambos e comunidades negras rurais. Num processo de mobilização, todas estas nomenclaturas convergiram para o termo quilombo ou comunidade quilombola. Como decorrência desse processo de ressemantização, para o Estado brasileiro, o antigo quilombo foi metaforizado para a categoria “remanescente de quilombo” que, de uma certa forma, fortaleceu a ideia de grupo e não de indivíduo, ideia esta que é fundamental para ganhar funções políticas no presente, por meio de uma construção jurídica que permite pensar o futuro

(ARRUTI, 2003).

Outra categoria de análise deste texto é a economia solidária. Como registramos acima, uma das características da comunidade quilombola é um outro jeito de organizar o trabalho. No Brasil a economia solidária vem se organizando como política pública desde 2003. Por meio do Ministério de Trabalho e Emprego, onde está vinculada a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), milhares de empreendimentos de economia solidária vem se desenvolvendo. Na mesma perspectiva conceitual, mas expresso em outros termos, tomamos a afirmação da SENAES, que afirma:

Economia Solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem<sup>6</sup>.

Nesta concepção podemos identificar os princípios da economia solidária, ou seja, solidariedade na organização da produção, do trabalho, cuidado com o meio ambiente, cooperação, distribuição equitativa do resultado do trabalho entre seus membros, e autogestão. Já o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, afirma que a economia solidária, é reconhecida

pela valorização social do trabalho humano, reconhecimento do papel da mulher e do feminino, desenvolvimento integrado e sustentável da sociedade, busca de valores do associativismo, cooperativismo, mutualismo e da solidariedade, o valor central é o trabalho, o saber e a criatividade humana, o ser humano e' sujeito e finalidade da atividade econômica, buscar a solidariedade dos povos, propondo a atividade econômica e social enraizada no seu contexto mais imediato e tendo a territorialidade e o desenvolvimento local como marcos de referencia, geração de trabalho e renda visando combater a exclusão social e a eliminação das desigualdades materiais.<sup>7</sup>

Os princípios e valores da economia solidária podem estar presentes em muitas iniciativas das “Morenas do Divino”. Estas categorias aliadas à emancipação social, orientarão este estudo. Por emancipação social compreendemos a pessoa no exercício de seus direitos de cidadania. Referimo-nos aos direitos sociais, econômicos, políticos e culturais referidos na Constituição Brasileira de 1988, outros autores como Marshall (1967), Vieira (2000) e Demo (1994), são relevantes para se discutir cidadania e emancipação social.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um uma pesquisa qualitativa. No conjunto de diferentes tipos de pesquisa qualitativa, pretendemos a vertente da pesquisa-ação. Conforme, Gatti e Adré apud Weller e Pfatt (2013, p. 35), pesquisa-ação

são estudos que envolvem algum tipo de intervenção na realidade e que podem implicar um grau maior ou menor de participação dos sujeitos na pesquisa. Podem ter uma forte inclinação política, na linha da emancipação, ou podem enfatizar mais os aspectos afetivos, sociais, sociopedagógicos.

A intenção desta pesquisa é seguir um *continuum*, ou seja, após a realização deste trabalho com fins acadêmico, pretendemos continuar interagindo com os sujeitos envolvidos na

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/o-que-e-economia-solidaria.htm>  
Acesso em: 29.07.2017.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.fbes.org.br/> Acesso em: 03.08.2017.

investigação. Outra característica desta pesquisa é de se constituir em um estudo de caso (Triviños, 2010) e Lüdke e André (2014), aplicado quando um tema de pesquisa é bem delimitado, com contornos claros no desenrolar dos estudos; o caso pode ter semelhanças com outros, mas sempre deve guardar sua singularidade, detendo um interesse próprio; ainda conforme estas autoras, o estudo de caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. Ou seja, devemos escolher o método do “estudo de caso” quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, dentro de um sistema mais amplo.

A pesquisa de campo deverá proporcionar o momento da coleta de dados. Entendemos a estada em campo para além de um procedimento técnico ou mecânico. Estar em campo é situar-se num espaço de “reflexividade” como afirma Guber (2005). Portanto, trata-se de uma etapa da pesquisa da maior importância, no sentido de observar, ouvir e registrar, habilidades fundantes na produção do conhecimento em ciências sociais, como aponta Oliveira (1998).

As entrevistas serão orientadas por um roteiro semi-estruturado que possibilita o diálogo com os sujeitos. Faremos entrevistas com dez mulheres constituindo uma amostra do universo das mulheres de 18 a 60 anos que compõem o grupo das “Mulheres do Divino”.

Os dados dos questionários recolhidos em campo serão tratados a partir da análise de conteúdo de Bardin (2009). Segundo este autor, este processo obedece os seguintes passos: 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode-se observar na descrição do lócus de pesquisa, a localidade dos “Morenos do Divino” caracteriza-se pela sua invisibilidade social e não reconhecimento de sua identidade enquanto um quilombo. Não se tem conhecimento da realização de estudos acadêmicos sobre esta população, tampouco, do grupo de mulheres que o compõem. Além de cumprir uma exigência acadêmica de estudos de Pós-Graduação, pretende-se dar prosseguimento no sentido de manter uma prática social junto ao grupo pesquisado. É neste contexto que registra-se a expectativa, primeiramente, de contribuir para com a visibilidade do grupo étnico “Morenos do Divino”. Na perspectiva de gênero, o foco são as “Mulheres do Divino” silenciadas ou invisibilizadas enquanto sujeitos que compõem a comunidade local e regional. Segundo, tendo em perspectiva a pesquisa-ação, após este estudo preliminar pretendemos continuar interagindo com o grupo de mulheres com objetivo de estimular e fortalecer práticas de economia solidária enquanto estratégia de superação de vulnerabilidade social e econômica e emancipação social. Dito de outra maneira, esta outra economia pode gerar trabalho e renda para seus sujeitos envolvidos. Finalmente, sensibilizar a sociedade e o Estado para o desenvolvimento de políticas públicas que respondam às necessidades e interesses da comunidade e dos sujeitos desta investigação.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BRASIL. **Programa Bolsa Família**. Disponível em: <http://bolsafamilia.datasus.gov.br/w3c/bfa.asp>. Acesso em: 08.07.2017.
- DA MATTA, R. Você tem Cultura? In: **Explorações. Ensaios de Sociologia Interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DEMO, Pedro. **Cidadania tutelada e cidadania assistida**. Campinas, SP. Autores Associados.

1994.

FBES. **Fórum Brasileiro de Economia solidária**. Disponível em: <http://fbes.org.br/>. Acesso em: 08.07.2017.

FBES. **Economia Solidária: outra economia a serviço da vida acontece**. 2010. Disponível em: [http://base.socioeco.org/docs/cartilha\\_fbes.pdf](http://base.socioeco.org/docs/cartilha_fbes.pdf). Acesso em: 09.07.2017.

GUBER, Rosana. **El salvaje metropolitano: reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo**. Buenos Aures. Paidós. 2005.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html?t=destaques&c=4215059>. Acesso em: 08.07.2017.

INCRA. **Regularização de território quilombola: perguntas e respostas**. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/incra-perguntasrespostas-a4.pdf>. Acesso em: 08.07.2017.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

OLIVEIRA, R.C. O fazer do antropólogo: observar, ouvir e escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo. Unesp. 1998.

\_\_\_\_\_. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2009.

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.